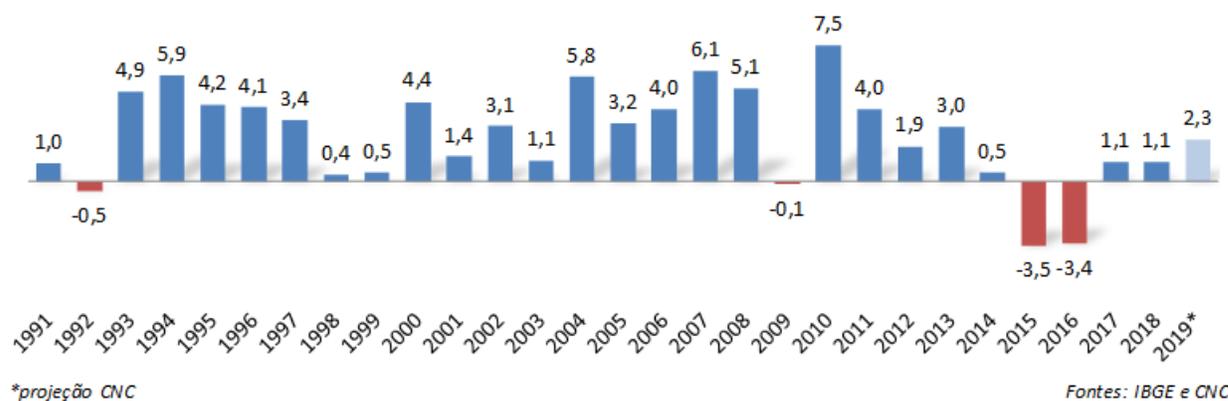


## PIB CRESCE PELO SEGUNDO ANO SEGUIDO, MAS AINDA ESTÁ 4,4% ABAIXO DO NÍVEL PRÉ-CRISE

*Contas Nacionais confirmam a lenta recuperação da economia em 2018 (+1,1% em relação ao ano anterior), e recuperação plena da crise fica para 2021. CNC projeta alta de 2,3% em 2019.*

Em 2018, a economia brasileira cresceu 1,1% em relação ao ano anterior, de acordo com dados das Contas Nacionais divulgados hoje (28/02) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar de consolidar a tendência de recuperação da economia do País, as marcas deixadas pela última recessão ainda custarão a ser apagadas. Nos anos de 2015 e 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro acumulou perda de 7,0%, encontrando-se, ao final do último trimestre de 2018, 4,4% abaixo do nível verificado antes da crise.

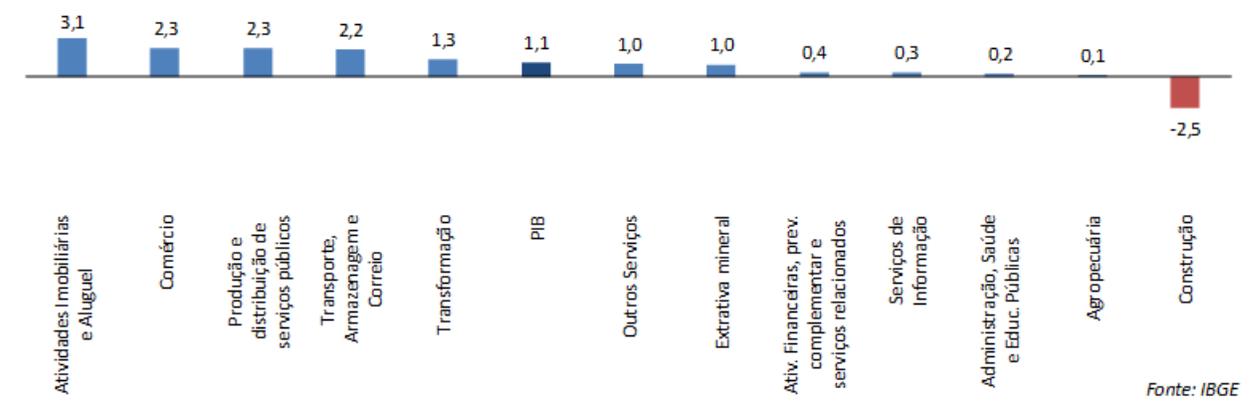
**QUADRO 1 – Produto Interno Bruto**  
(Variações % em relação ao ano anterior)



Do ponto de vista da produção, pela primeira vez desde 2012, o maior responsável pelo avanço da economia brasileira foi o setor de serviços (+1,3%). Já o setor agropecuário, que em quatro dos cinco anos anteriores havia se destacado positivamente, experimentou um crescimento menor em 2018 (+0,1%), superado, inclusive, pelo avanço do PIB da indústria (+0,6%).

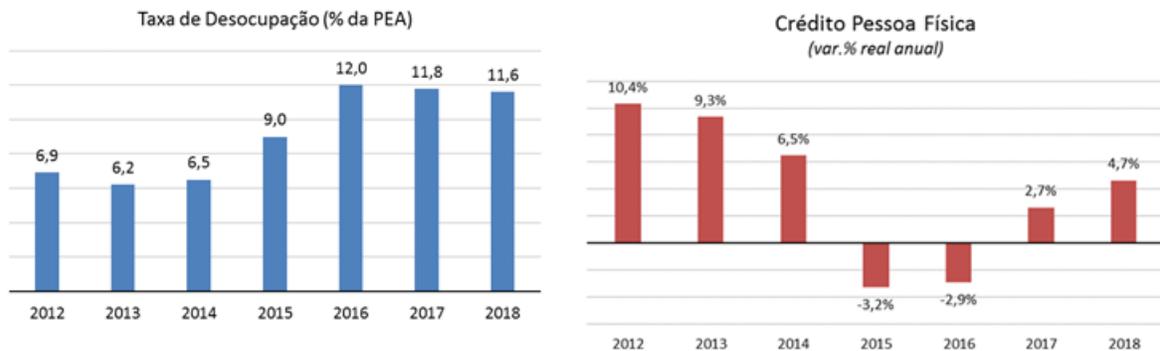
Subsetorialmente, as atividades imobiliárias (+3,1%) e o comércio (+2,3%) foram os maiores destaques da geração de riqueza no ano passado. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio do próprio IBGE, em 2018 o volume de vendas do varejo cresceu 5,0%, mas ainda permanece 12,3% aquém do nível pré-crise. Todos os 12 setores mensurados apresentaram expansões, exceto a construção civil, que registrou queda pelo quinto ano seguido, acumulando perda de 35% desde 2014.

**QUADRO 2 – Produto Interno Bruto Segundo Subsetores em 2018**  
(Variações % em relação ao ano anterior)



Pela ótica das despesas, a formação bruta de capital fixo (+4,1%) e o consumo das famílias (+1,9%) ajudaram a economia a se afastar do fundo do poço cavado pela recessão. Apesar da inércia do mercado de trabalho, a inflação abaixo dos 4% pelo segundo ano consecutivo permitiu a ampliação do consumo de bens e serviços por parte das famílias. Ainda que em menor escala, a reativação do mercado de crédito, com queda das taxas de juros na ponta, também contribuiu para, moderadamente, fomentar o consumo.

**QUADRO 3 – Taxa de Desemprego e Concessão Nominal de Crédito às Pessoas Físicas**  
(Variações % acumuladas em 12 meses)



Fontes: IBGE e BC

A ainda fraca demanda interna e a desvalorização de 17% do real ao longo do ano passado estimularam as exportações (+4,1%); entretanto, a contribuição do setor externo para a formação do PIB do ano passado foi negativa, em virtude do avanço maior das importações (+8,5%).

Mesmo não registrando quedas nos últimos oito trimestres, o desempenho de curtíssimo prazo segue decepcionante. Após avançar 0,5% no terceiro trimestre do ano passado, a economia perdeu fôlego, registrando taxa de variação de +0,1% nos três últimos meses do ano. Destacaram-se negativamente a indústria (-0,3%) e a formação bruta de capital fixo, que retrocedeu 2,5% após avançar 5,5% no trimestre anterior.

Apesar de positivos, os dados do PIB de 2018 revelam um grande desafio para a economia brasileira nos próximos anos. Reativar o mercado de trabalho, que, a despeito do recuo da taxa de desemprego, tem apresentado níveis recorde de subutilização da força de trabalho e informalidade elevada. A trajetória de recuperação que o País tem pela frente, após a pior recessão da sua história, será, portanto, longa. Atualmente, o nível de geração de riqueza no Brasil corresponde ao mesmo observado em 2012, e a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) projeta que a superação plena da recessão só se dará na segunda metade de 2021.

A percepção da CNC é que as condições que propiciaram a retomada do crescimento econômico no ano passado estão minimamente preservadas, mas ainda há espaço para a queda das taxas de juros, dado o patamar atual confortavelmente baixo da meta de inflação. Considerando um cenário ao fim do ano no qual a inflação esteja próxima a 3,85%, a CNC revisou de +2,4% para 2,3% sua expectativa referente ao crescimento da economia brasileira em 2019. Essa alta deverá ser impulsionada pelo consumo das famílias (+2,6% ante 2018).